



Senhor Presidente da Assembleia Municipal;

Senhor Presidente da Câmara Municipal;

Senhoras e Senhores Vereadores e Deputados da Assembleia Municipal;

Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia e restantes autarcas;

Senhoras e Senhores Convidados

Caros concidadãos

Começo este discurso, em representação do Grupo do Partido Socialista nesta Assembleia, com esta frase que lança o mote do que pensamos e da disposição que temos em relação aos ideais de Abril: LIBERDADE, VERDADE e DESENVOLVIMENTO!

E começo por aqui, porque os tempos que atravessamos, são dos mais difíceis da nossa história mais recente, onde liberdade, verdade e desenvolvimento continuam a ser paradoxos que nos fazem pensar, num quadro de preocupações cada vez mais latente.

Liberdade de acção em tempos de novas ditaduras, subjugadas aos interesses económicos, dos mais ricos sobre os mais fracos.

Verdade, que é a verdade que falta, tantas vezes nos actos, nos relatórios e nas palavras das instituições onde se ancora a subsistência das comunidades das nações.



E Desenvolvimento, que é uma premissa que tem de estar permanentemente em vigor.

Lembrar Abril é lembrar estes conceitos simples e por vezes gastos, mas essenciais às democracias e à sua convivência dos cidadãos.

Evocar Abril é lançar esperança e abrir caminho para novos desígnios, assente nestes três pilares, mas onde o cidadão é, e terá de ser sempre, o centro das preocupações.

Comemorar Abril, significa partilhar ideais de progresso e de modernidade, num tempo que não tem contemplações para atrasos culturais e inércias estruturantes.

Comemorar Abril significa acreditar no futuro e não embandeirar nem em desânimos, nem em laxismos. E se há alturas em que faz mais sentido apelar aos sentimentos que fizeram o 25 de Abril, este é o momento!

Comemoramos os 39 anos da Revolução portuguesa num tempo dominado por desafios, receios e incertezas. Mas é em momentos destes, mais do que em quaisquer outros, que é necessário ir à origem buscar inspiração, ânimo e coragem. A hora exige tudo de todos nós. Mas, mesmo conscientes das ameaças, dos perigos e das desilusões, é ainda com entusiasmada convicção que reafirmamos: o 25 de Abril valeu a pena e os que o fizeram merecem a nossa gratidão!

A história do século XX ensinou-nos, tragicamente, que é nas alturas de crise que, sem hesitações, temos de encontrar na democracia, e no seu pleno



exercício, o fundamento primeiro onde firmar o esforço que nos permite vencer as dificuldades. Porque é na democracia, no que é e no que representa, que se acha a energia colectiva que dá determinação, lucidez e alento para fazer o que é preciso ser feito.

Porque é preciso remar contra o desalento e o desânimo, o país precisa de todos e de cada um! E todos não somos muitos.

O país, que não está perdido, mas em situação aflitiva, precisa de pequenas revoluções diárias, que todos nós, quer no nosso dia-a-dia profissional, quer na nossa comunidade, enquanto espaço aberto á cidadania.

Como canta Sérgio Godinho:

Só há liberdade a sério quando houver
a paz o pão
habitação
saúde educação
só há liberdade a sério quando houver
liberdade de mudar e decidir
quando pertencer ao povo o que o povo produzir.

Caros concidadãos

"Os maiores adversários de Abril são o saudosismo, o revivalismo ou o revirvalho, a estagnação ou o alheamento, a captura ideológica" – como afirmou Carlos Zorrinho

Por isso há que responder como o poeta José Carlos Ary dos Santos:



E se esse poder um dia
o quiser roubar alguém
não fica na burguesia
volta à barriga da mãe.
Volta à barriga da terra
que em boa hora o pariu
agora ninguém mais cerra
as portas que Abril abriu.

Neste dia histórico em que assinalamos a revolução que conduziu Portugal à liberdade e ao progresso, quero também lembrar o papel do poder local no desenvolvimento do país em geral e do nosso concelho em particular.

Caros concidadãos,

Ao longo do ano de 2012, assistimos a uma produção legislativa muito intensa, apresentada pelo actual governo, como indispensável para contenção da despesa pública e reforma do Estado. As populações de todo o País, e o Poder Local, que é o seu primeiro patamar de representação política, são agora o alvo preciso de um empreendimento que resume todas as reformas à necessidade de reduzir, a todo o custo, as estruturas dessa mesma representação.

De nada têm servido sucessivas chamadas de atenção para o equívoco desta atitude e para os perigos desta política! O executivo mostra mesmo um total desprezo pela opinião de destacados militantes seus, como é o caso dos presidentes da Associação de Municípios e Freguesias, bem como outros destacados dirigentes, nesta precipitação legislativa.

Ainda por cima, o critério quantitativo seguido para impor esses cortes, na lei que obriga a reduções de dirigentes na estrutura orgânica dos Municípios, baseia-se sempre num cálculo rígido que pretende apenas ser correspondente à



dimensão populacional da autarquia visada. Não se distinguem as diferenças entre autarquias, a existência de mais serviços prestados às populações, o facto de eles serem externalizados ou assumidos pela própria estrutura de trabalhadores de cada município ou freguesia.

Este caminho conduz a uma descaracterização do Poder Local Democrático desenvolvido em Portugal depois do 25 de abril, a uma diminuição drástica da sua capacidade de serviço e de resposta aos problemas das populações.

E isto precisamente no momento em que a crise provocada pela especulação financeira exige de todas as instituições que não abram brechas na rede social de apoio aos mais vulneráveis.

Aquilo que se impõe a todos os responsáveis, desde a mais humilde autarquia até aos mais altos níveis de poder político do Estado, é uma consciência muito clara das causas das nossas dificuldades e uma mobilização que apele justamente a esse sentido de serviço coletivo - em vez de impor, de cima para baixo, uma austeridade cega, entendida como uma espécie de castigo moralizador de um "despesismo" que não foi praticado pelos que têm agora de o pagar.

Em última instância, a presente crise, em vez de argumento contra o Poder Local, impõe a urgência do seu aprofundamento. Em vez do desmantelamento e asfixia dos seus vários níveis de representatividade, exige o respeito da sua natureza democrática e o reforço da sua dependência direta dos eleitores, que lhe confere a necessária legitimidade.

Lá fora, as populações esperam dos políticos locais, acções e políticas concretas, que dêem frutos e de preferência no imediato, porque o tempo não tem contemplações.

Temos de ser críticos de nós próprios e muito exigentes!

Neste ano de eleições autárquicas:



Às Câmaras Municipais pede-se acção. Obra!

Às Assembleias Municipais pede-se fiscalização da actividade dos municípios, mas também se pede debate e reflexão sobre assuntos locais.

Por isso, é essencial trazer para este fórum o debate necessário e pertinente sobre as questões do concelho.

Por isso também, devemos fazer desta tribuna um lugar para procurar influenciar o executivo para aquilo que entendemos que é o melhor para o nosso concelho, sem tibiezas ou falsos moralismos, porque todos temos esse dever. Aqui é o lugar da palavra e como em Abril, a palavra é uma arma. Saibamos nós utilizá-la. Saibamos nós interpretar as palavras de cada um, neste quadro complexo em que nos movimentamos.

Não podemos pensar que não adiantamos nada em falar. Temos de falar. Temos de nos entusiasmar, de dar animo uns aos outros, para puxarmos pelo entusiasmo e dinamismo e contagiarmos esse dinamismo lá para fora, para o sector económico, cultural e social da nossa comunidade.

Para criticar, mas também para enaltecer o muito que tem sido feito, nas várias áreas e nas mais diversas frentes.

Nas palavras do poeta José Carlos Ary dos Santos - O FUTURO

Isto vai meus amigos isto vai
um passo atrás são sempre dois em frente



e um povo verdadeiro não se trai
não quer gente mais gente que outra gente
Isto vai meus amigos isto vai
o que é preciso é ter sempre presente
que o presente é um tempo que se vai
e o futuro é o tempo resistente

Depois da tempestade há a bonança
que é verde como a cor que tem a esperança
quando a água de Abril sobre nós cai.

O que é preciso é termos confiança
se fizermos de maio a nossa lança
isto vai meus amigos isto vai.

Senhor Presidente,

Caros concidadãos,

Ao dirigir-me hoje, no Dia da Liberdade, a última vez que o faço na qualidade de Deputado Municipal, não posso deixar de referir a emoção que, por isso mesmo, sinto. Sempre pretendi, com as mensagens que, anualmente, aqui deixei, ajudar à construção da esperança que o 25 de Abril trouxe. Emoção, porque o 25 de Abril é a data fundadora do nosso regime. É também aquela em que, nos planos simbólico e político, nos reconhecemos, pois é na ideia de liberdade, que podemos e devemos buscar, renovadamente, em cada ocasião, a energia democrática para enfrentarmos os problemas e vencermos os desafios.



Pertença a uma geração que esperou por esse dia. A sua chegada representou uma alegria ímpar que a nossa memória conserva como um daqueles grandes momentos que tornam a vida exaltante e a abrem ao futuro. Foi esse o início de um novo ciclo da História de Portugal, que nos trouxe de novo à Europa e nos abriu as portas à constituição de uma grande comunidade de países lusófonos.

Cada ano que aqui vim atualizei essa alegria e a responsabilidade que ela impõe de não a defraudarmos. E à exaltante lembrança desse “dia inicial, inteiro e limpo”, como lhe chamou Sophia de Mello Breyner, em palavras que passaram, junta-se a emoção por falar num lugar que, para mim, tem um alto simbolismo, não só político, mas também pessoal e afectivo. De facto, ao dirigir-me, neste dia, a esta Assembleia, não posso nem quero esquecer que fui, com muita honra, deputado nesta casa durante 23 anos . Tenho orgulho em tê-lo sido (e ainda ser até ao final deste mandato) e conservo dessa experiência uma grata recordação.

Aprendi nesta Assembleia que, sem debate exigente, é o próprio debate democrático que se empobrece e desprestigia. Aprendi que há momentos de convergência e momentos de divergência, momentos de consenso e momentos de dissenso. Saber distinguir esses momentos é o essencial da política. Evocando esta memória política e pessoal, quero transformá-la em homenagem à Assembleia Municipal e àqueles que, têm a responsabilidade de a prestigiar, tornando-a verdadeiramente no centro da vida democrática, pois isso constitui uma condição fundamental e insubstituível de qualidade da democracia. Não esqueço aqueles que comigo partilharam esta Assembleia como António Jordão, Manuel Alfredo Costa, João Noronha, Maria José Garrancho, o Armindo... entre muitos outros que já partiram, mas também a Ana Pagaimo o Álvaro Costa, Piedade Policarpo, José Paulo Arcanjo, Eugénia Casadinho... e todos vós que



aqui estão. Não esqueço o contributo essencial da Idália e dos outros funcionários municipais – para todos eles o meu muito sincero obrigado.

Este deve ser o lugar de debate dos grandes temas do nosso presente e do nosso futuro. É aqui que se apresentam as propostas políticas e que se afirmam as alternativas. É aqui que a Câmara Municipal responde e é fiscalizada pelos seus actos. Sem uma Assembleia prestigiada, moderna, aberto ao tempo e à sociedade, activa, é o próprio coração da democracia que funciona mal. Estou certo de que os senhores deputados municipais sentem e assumem esta responsabilidade e a exigência que ela comporta.

Senhores Presidentes,

Senhores Deputados,

Senhores Autarcas

Senhores Convidados

Precisamos de mais autoridade democrática e de mais espírito cívico. De mais decisão, mais esforço, mais prioridades, mais trabalho. E não apenas mais, mas também melhor: melhor decisão, melhor esforço, melhor trabalho, melhores prioridades. Precisamos de nos ocupar mais do essencial e menos do acessório, mais do profundo e menos do superficial. Precisamos de tornar Abril – e o que ela representa como ideal de liberdade, de justiça e de desenvolvimento – mais presente e melhor presente.

Renovo a todos as minhas saudações calorosas e desejo as maiores venturas no vosso trabalho ao serviço da Democracia, deste Concelho e de Portugal. Podeis contar sempre comigo no combate pelas grandes causas. Estou convosco e continuarei convosco para fazermos do nosso Concelho um concelho à altura das aspirações de todos os aqui residentes, sejam aqui nascidos ou não, mas que amam esta terra como sua.



Quando formos avaliados pelas gerações que nos sucederão, a pergunta que será feita é esta: foram eles capazes de enfrentar as dificuldades, vencer os desafios e pôr o concelho de Alcochete no rumo do futuro? Não esqueçamos nunca que a resposta a esta pergunta somos nós que, agora, quotidianamente, a estamos a dar. Não há, por isso, tempo a perder. É a hora!

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Viva Alcochete!

Viva Portugal!